

Coro e Orquestra Gulbenkian

Ton Koopman



02 + 03 nov 23



02 nov 23 QUINTA 20:00

03 nov 23 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro e Orquestra Gulbenkian

Ton Koopman Maestro

Sara Braga Simões Soprano

Leonor Amaral Soprano

Tilman Lichdi Tenor

Arvid Eriksson Barítono

Inês Tavares Lopes Maestra do Coro Gulbenkian

Wolfgang Amadeus Mozart

Sinfonia n.º 36, em Dó maior, K. 425, Linz

c. 32 min.

1. *Adagio – Allegro spiritoso*
2. *Andante*
3. *Menuetto – Trio*
4. *Presto*

INTERVALO

Wolfgang Amadeus Mozart

Grande Missa em Dó menor, K. 427*

c.60 min.

Kyrie

Gloria

Laudamus te

Gratias

Domine Deus

Qui tollis

Quoniam

Jesu Christe – Cum Sancto Spiritu

Credo (reconstr.)

Et incarnatus est

Crucifixus (M. Haydn)

Et resurrexit

Sanctus – Hosanna I (reconstr.)

Benedictus – Hosanna II

Agnus Dei (M. Haydn)

Dona nobis

* Reconstrução de Ton Koopman, complementada com fragmentos da *Jubiläumsmesse* (1782) de Michael Haydn (1737-1806)

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h

INTERVALO DE 20 MIN.

Wolfgang Amadeus Mozart

(Salzburgo, 1756 – Viena, 1791)

Sinfonia n.º 36, em Dó maior, K. 425, Linz

—

COMPOSIÇÃO 1783

ESTREIA Linz, 4 de novembro de 1783

DURAÇÃO c. 32 min

No verão de 1783, Wolfgang Amadeus Mozart, à época com 27 anos de idade, viaja até Salzburgo (Áustria) acompanhado da sua esposa, Constanze, com quem havia casado em Viena há menos de um ano. O objetivo da viagem era apresentar Constanze à família, na esperança de conciliar as relações com o seu pai, Leopold Mozart, que estava convencido tratar-se de um casamento imprudente e precipitado. No regresso a Viena, no final de outubro, o casal fez uma paragem em Linz, onde ficou hospedado a convite de um velho amigo da família Mozart, o Conde Johann Thun-Hohenstein, que desde logo convida o compositor a atuar. É precisamente durante a curta estadia nesta cidade austríaca que surge a composição da Sinfonia n.º 36, em Dó maior, de forma a corresponder à solicitação do conde e em agradecimento à sua hospitalidade. Porém, Mozart acabaria por ser surpreendido com este convite, tal como relata numa carta que escreveu ao seu pai e em que diz: “como não tenho uma única sinfonia comigo, estou a escrever uma nova a uma velocidade vertiginosa”.

Começando a composição imediatamente após a chegada a Linz, no dia 30 de outubro, e tendo-a pronta para

apresentação pela orquestra do Conde Thun-Hohenstein no dia 4 de novembro, não existe o menor vestígio de pressa na composição desta obra, logo a começar pelo primeiro andamento em que Mozart, pela primeira vez, inicia uma sinfonia com uma introdução lenta e expressiva, antes mesmo de um *Allegro* repleto de espírito tão característico da sua escrita. No *Andante*, a presença de trompetes e tímpanos, instrumentos até então ausentes dos andamentos lentos do compositor, transforma o que de outra forma poderia ter sido “apenas” uma graciosa ária instrumental em algo mais profundo. O *Menuetto* é do tipo mais ou menos convencional, mas o *Trio*, com o seu dueto para oboé e fagote, é Mozart na sua forma mais espirituosa e elegante. O *Presto* final traduz-se numa profusão de ideias temáticas, cada uma subtilmente desenvolvida a partir da anterior e seguindo o espírito da Sinfonia n.º 35, em Ré maior, *Haffner*, na qual, Mozart, instrui que o último andamento seja tocado “o mais rápido possível”.

A viagem até Salzburgo, cidade onde o compositor não voltaria até ao final da sua vida, acabaria por ficar marcada por um episódio curioso – a estreia da Grande Missa em Dó menor, K. 427,

embora se tratasse de uma obra inacabada. Possivelmente, Mozart teria intenções de concluir este trabalho durante o período de estadia na sua cidade natal, precisamente onde havia escrito toda a sua música sacra durante os anos em que esteve ao serviço do arcebispo de

Salzburgo, mas tal não viria a acontecer. O resultado mais significativo deste verão e outono de 1783, acabaria por ser a composição da Sinfonia n.º 36, uma das últimas sete e mais importantes sinfonias de Mozart e sobre a qual se assinalam precisamente 240 anos da estreia.

Grande Missa em Dó menor, K. 427

COMPOSIÇÃO 1782-83

ESTREIA Salzburgo, 26 de outubro de 1783

DURAÇÃO c. 60 min (versão de Ton Koopman)

A Grande Missa em Dó menor, K. 427, é uma das obras mais fascinantes e populares de Mozart. É a maior e mais ambiciosa missa do compositor, mas é igualmente uma das suas obras mais envoltas em mistério, muito em parte por se tratar de um trabalho inacabado. As reais motivações para a sua composição, as razões do abandono, bem como os detalhes da estreia, que – tanto quanto sabemos – teve lugar a 26 de outubro de 1783, em Salzburgo, ainda são perguntas com respostas pouco claras. Mozart empregou nesta obra a forma de missa-cantata, que já estava em desuso

na época e cuja expressão máxima é a incontornável Missa em Si Menor, de J. S. Bach. É também evidente a inspiração em Händel – ao escutarmos o *Gloria in excelsis Deo* torna-se inevitável recordar o “Aleluia” do *Messias*.

A história desta obra terá início com o casamento de Mozart e Constanze, em agosto de 1782, sem que o mesmo tenha recebido a bênção do seu pai, Leopold. Para amenizar a situação, Mozart decidiu apelar aos instintos firmemente católicos do seu pai e começou a escrever cartas sobre o quanto ele e Constanze

frequentavam a igreja. Numa carta dirigida a Leopold, o compositor relatou que estava a compor uma missa, não por encomenda de ninguém, mas sim como agradecimento pelo seu casamento e que a mesma estaria pronta para ser celebrada quando ambos o fossem visitar a Salzburgo. Embora incompleta, a estreia aconteceu e sabe-se que a missa foi interpretada na totalidade do ofício religioso, pelo que a música deverá ter sido completada para a ocasião com partes de outras missas do compositor. Desconhecem-se as razões que levaram Mozart a abandonar esta composição, da qual não há vestígios da parte final do *Credo*, nem da existência do *Agnus Dei*.

Além disso, partes do manuscrito original perderam-se precocemente. Na última década da sua vida, Mozart não concluiu nenhuma obra sacra, com exceção da miniatura *Ave Verum Corpus*, K. 618, de apenas 46 compassos. A Grande Missa em Dó menor, K. 427, e o famoso *Requiem* em Ré menor, K. 626, permaneceriam para sempre obras inacabadas. Podemos no entanto afirmar que esta missa é a obra central de uma trilogia formada pela Missa em Si Menor, de Bach, e a *Missa Solemnis* de Beethoven, três monumentos que sintetizam 75 anos de música sacra europeia.

ÉLIO ANES LEAL

Ton Koopman

Ton Koopman nasceu em Zwolle, na Holanda. Estudou órgão, cravo e musicologia em Amsterdão, tendo-lhe sido atribuído o *Prix d'Excellence* em ambos os instrumentos. Desde muito cedo, sentiu-se fascinado pelos instrumentos históricos e pelo seu som autêntico, assim como pelo estudo filológico dos antigos estilos de interpretação. Focou as suas pesquisas na música barroca, dando particular atenção a J. S. Bach e D. Buxtehude. Como organista e cravista, tocou nos mais famosos instrumentos históricos da Europa. fundou a Amsterdam Baroque Orchestra em 1979, seguindo-se o Amsterdam Baroque Choir em 1992. Dirigiu as mais proeminentes orquestras mundiais, sendo também uma presença habitual na Fundação Calouste Gulbenkian há mais de trinta e cinco anos. Gravou mais de 400 álbuns e em 2003 criou a sua própria etiqueta: a Antoine Marchand. Entre 1994 e 2004, dirigiu e gravou uma integral das Cantatas de J. S. Bach, um vasto trabalho pelo qual lhe foram atribuídos o *Deutsche Schallplattenpreis – Echo Klassik*, o prémio *BBC Award* e o Prémio Hector Berlioz. Entre 2005 e 2014, concluiu um novo projeto de grande fôlego: a gravação da obra integral de D. Buxtehude. Em 2006, Ton Koopman foi distinguido com a Medalha Bach da Cidade de Leipzig. Em 2012 recebeu o Prémio Buxtehude da cidade de Lübeck e em 2014 o Prémio Bach da Royal Academy of Music, em Londres. Em 2016 foi-lhe atribuído um doutoramento honorário pela Universidade de Lübeck. Em 2017 recebeu o prestigioso *Edison Classical Award*. É Professor Emérito da Universidade de Leiden e do Conservatório de Haia, Presidente da Sociedade Internacional Dieterich Buxtehude, Membro Honorário da Royal Academy of Music, Presidente do Arquivo Bach de Leipzig e Diretor Artístico do festival *Itinéraire Baroque*.

Sara Braga Simões

A versatilidade de Sara Braga Simões leva-a aos principais teatros, salas de concertos e festivais de música portugueses, tendo-se também apresentado no Reino Unido, em França e em Espanha, entre outros países. A revista *Opera Now* descreve-a como uma cantora com uma extensão excecional e a *Opera Magazine* destacou a intensidade da sua interpretação. No domínio da ópera, interpretou dezenas de papéis principais, dos quais se destacam: Pamina (*A flauta mágica*), Gretel (*Hänsel und Gretel*), Susanna (*As bodas de Figaro*), Rosina (*O barbeiro de Sevilha*), Adina (*L'elisir d'amore*), a Governanta (*The Turn of the Screw*), Mabel (*The Pirates of Penzance*), Zerlina (*Don Giovanni*) e Despina (*Così fan tutte*), tendo sido dirigida por encenadores como Ricardo Pais, Luís Miguel Cintra e João Botelho.

O seu repertório de concerto inclui obras de Vivaldi, Ravel, Berio, G. Crumb e G. Benjamin, bem como *Carmina Burana* de Orff, *Les Nuits d'été* de Berlioz, o *Messias* de Händel, *Exsultate, jubilate* de Mozart e *Les Illuminations* de Britten, para a Metropolitana, *Um Requiem Alemão* de Brahms, *Gloria* de Poulenc e *Dona Nobis Pacem* de V. Williams, para o TNSC, e *Des Knaben Wunderhorn* de Mahler, para a Casa da Música. Apresentou-se sob a direção de maestros como Laurence Cummings, Martin André, Antonio Pirolli, Stefan Asbury, Peter Rundell, Johannes Willig, Rui Pinheiro, Marcos Magalhães, Pedro Neves, Joana Carneiro, Marc Tardue, Brad Cohen e Osvaldo Ferreira, entre outros. Com o pianista Luís Pipa, gravou a integral da obra para canto e piano de Eurico Thomaz de Lima. Teve como mestres Manuela Bigail, Rui Taveira, Peter Harrison, Susan McCulloch e Elisabete Matos.

Leonor Amaral

Leonor Amaral é natural de Lisboa. Versátil soprano de coloratura, interpretou vários papéis de ópera, incluindo Gretchen (*Der Wildschütz* de Lortzing), Mi (*Das Land des Lächelns* de Lehár), Musetta (*La bohème*), Marie (*Zar und Zimmermann* de Lortzing) e Adele (*O Morcego*). No Festival de Ópera Gut-Immling, estreou-se no papel de Armida, em *Rinaldo* de Händel, e de Frasquita, em *Carmen*. Foi Clorinda, em *La Cenerentola*, no festival do Castelo Hallwyl, na Suíça. Desde 2018, integra o elenco do Teatro de Erfurt, onde interpretou Zerlina (*Fra Diavolo* de Auber), Norina (*Don Pasquale*) e Rainha da Noite (*A flauta mágica*). Foi semifinalista no concurso de canto *Neue Stimmen*, da Fundação Bertelsmann, e finalista no Concurso Cesti de ópera barroca. Leonor Amaral apresentou-se em salas como a Kölner Philharmonie e a Historische Stadthalle Wuppertal e estreou-se no Concertgebouw de Amesterdão com a Nordwestdeutsche Philharmonie. Em 2019 gravou um *crossover* com a WDR Funkhausorchester e realizou uma digressão nos Países Baixos com a Noord Nederlands Orkest. Ainda com a orquestra WDR, gravou um concerto dedicado a Portugal, que incluía um vasto repertório de fado. No domínio da música contemporânea, teve a honra de cantar a peça *Homage a T. S. Eliot* para a compositora Sofia Gubaidulina. Outras obras incluíram a ópera *Der Aschemond oder The Fairy Queen*, de H. Oehring, bem como a vídeo-ópera de Steve Reich, *Three Tales*. Na música barroca, colaborou com o Pera Ensemble num concerto no Gasteig (Munique) e cantou *Fairy Queen* de Purcell, com o Concerto Stella Matutina, no Montforthaus Feldkirch, na Áustria.

Tilman Lichdi

O tenor alemão Tilman Lichdi afirmou-se como um importante intérprete das grandes obras corais e do repertório da canção de câmara, em particular como Evangelista das oratórias e *Paixões* de J. S. Bach. Apresentou-se em concertos na Europa, nas Américas, na Austrália e na Ásia, sob a direção de maestros como Ton Koopman, Thomas Hengelbrock, Martin Haselböck, Peter Dijkstra, Frieder Bernius, Christoph Perick, Bernard Labadie, Marcus Bosch, Hervé Niquet, Hartmut Haenchen, Kent Nagano, Christoph Poppen, Claus Peter Flor, Michail Pletnev, Michel Corboz, Hans-Christoph Rademann, Teodor Currentzis ou Herbert Blomstedt. Entre as muitas gravações que realizou, duas se destacam notavelmente: *A Bela Moleira* e *Viagem de Inverno*, de Schubert, com novos arranjos para voz e guitarra. Para além das atuações a nível internacional, é professor de estudos vocais na Academia de Música de Darmstadt. Entre 2005 e 20013, Tilman Lichdi pertenceu ao elenco do Staatstheater Nürnberg, onde interpretou vários personagens de ópera, incluindo: David e Timoneiro, em *Os Mestres Cantores de Nuremberga* e *O Navio Fantasma* de Wagner; Tamino, Ferrando, Belmonte, Don Ottavio e Conde Belfiore, em *A flauta mágica*, *Così fan tutte*, *O rapto do serralho*, *Don Giovanni* e *La finta giardiniera* de Mozart; e Conde Almaviva, em *O barbeiro de Sevilha* de Rossini. Recebeu a Medalha Richard Strauss e o Prémio de Promoção da Arte da Baviera 2012. Tilman Lichdi cresceu em Heilbronn. Durante quatro anos, estudou trompete com Günther Beetz, em Mannheim, antes de iniciar o seu treino vocal aos dezoito anos. Estudou canto com Alois Tremml, em Estugarda, e com Charlotte Lehmann, em Würzburg, tendo-se diplomado com distinção.

Arvid Eriksson

Arvid Eriksson nasceu em Uddevalla, na Suécia, em 1998. Vive atualmente em Estocolmo, cidade onde se diplomou pelo Royal College of Music em 2021. Concluiu também uma especialização em música sacra. Aos dezasseis anos, iniciou a sua carreira profissional com o agrupamento Göteborg Baroque, do qual foi membro até 2022. Na presente temporada, regressa ao Berwaldhallen (Estocolmo) e à Orquestra Sinfónica da Rádio Sueca, e estreia-se com o Ensemble Correspondances e com a Orquestra Gulbenkian e Ton Koopman. A atividade atual de Arvid Eriksson está focada na canção de câmara e no repertório de concerto, tendo beneficiado da influência artística de mestres como Anne Sofie von Otter e Peter Mattei. Em 2021, na sua estreia em Berwaldhallen, cantou o *Requiem* de Fauré, com o Coro e a Orquestra Sinfónica da Rádio Sueca. Em 2022 colaborou em apresentações do *Messias* de Händel, com a Sinfónica de Helsingborg e concretizou uma digressão dos *Rückert-Lieder* de Mahler, em arranjos para barítono e quarteto com piano. O seu extenso repertório de concerto inclui obras de J. S. Bach como as *Paixões*, a *Oratória de Natal*, a Missa em Si menor e várias cantatas, o *Messias* de Händel, *A Criação* de J. Haydn, os *Requiem* de Brahms, Mozart, Fauré e Durufié, bem como obras de Beethoven, Britten, Monteverdi, Roman, Larsson e muitos outros. Arvid Eriksson interpreta também ciclos de *Lieder* de Schumann (*Dichterliebe* e *Liederkreis*, op. 24), *An die ferne Geliebte* de Beethoven e *Songs of Travel* de Vaughan Williams. Interpreta com regularidade os *Lieder* de Schubert, R. Strauss, Brahms, Ravel, Sibelius e Finzi, entre outros. Dedicava uma atenção especial às canções de autores suecos como Stenhammar, Rangström e Peterson-Berger.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmonica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. O Coro Gulbenkian participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. As funções de Maestro Adjunto e de Maestra Assistente são desempenhadas por Jorge Matta e Inês Tavares Lopes.

Coro Gulbenkian

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Carla Frias
Claire Rocha Santos
Filipa Passos
Isabel Cruz Fernandes
Lucília de Jesus
Maria José Conceição
Mariana Lemos
Mónica Beltrão
Rosa Caldeira
Tânia Viegas
Verónica Silva

CONTRALTOS

Beatriz Cebola
Carmo Coutinho
Catarina Saraiva
Elsa Gomes
Fátima Nunes
Joana Esteves
Joana Nascimento
Lucinda Gerhardt
Madalena Barão
Maria Bustorff
Michelle Rollin
Rita Tavares

TENORES

Aníbal Coutinho
Artur Afonso
Bruno Sales
Francisco Cortes
Gerson Coelho
Jaime Bacharel
Jorge Leiria
Nuno Raimundo
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Rui Aleixo
Simão Pourbaix

BAIXOS

Alexandre Gomes
Filipe Leal
Frederico Paes
João Costa
João Líbano Monteiro
João Luís Ferreira
Miguel Carvalho
Miguel Jesus
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Rui Bôrras
Rui Gonçalves

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho
Marta Ferreira de Andrade
Joaquina Santos
Ricardo Pereira

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian, sucedendo a Lorenzo Viotti.

PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos CONCERTINO
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnou
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Maria José Laginha
Otto Pereira
Flávia Marques
Catarina Ferreira
Matilde Araújo
Piotr Rachwall

SEGUNDOS VIOLINOS

Alexandra Mendes 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Cecília Branco 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Margarida Queirós
Camille Bughin
Francisca Fins
Asilkan Pargana
Miguel Simões
Félix Duarte

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA
Lu Zheng 1º SOLISTA
João Tiago Dinis 2º SOLISTA
Maia Kouznetsova
Nuno Soares
Sara Moreira
Maria Inês Monteiro
Sara Farinha
Márcia Marques
Raquel Noemi*

Orquestra Gulbenkian

VIOLONCELOS

Varoujan Bartikian 1º SOLISTA

Marco Pereira 1º SOLISTA

Martin Henneken 2º SOLISTA

Jeremy Lake

Raquel Reis

Gonçalo Lélis

Hugo Paiva

João Valpaços

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rego 2º SOLISTA

Marine Triolet

Miguel Menezes

Diogo Pereira

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA AUXILIAR

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José Maria Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA AUXILIAR

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

Álvaro Machado 2º SOLISTA*

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

Pedro Freire 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Jorge Pereira 1º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

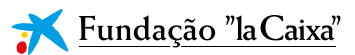
Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

Ricardo Pereira

MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. Isto é crescer com a cultura.



Apoiamos
a cultura
para *melhorar*
a sociedade



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
VASP DPS

Lisboa,
Novembro 2023

